

Na escuta de textos: olhares sobre a cultura e a identidade

Haydée Ribeiro Coelho*

* Professora do Departamento de Semiótica e Teoria da Literatura, Faculdade de Letras, UFMG.

Hoje, quando se fala em identidade, vários aspectos merecem ser considerados: o universal e o particular; o relativismo e o pluralismo cultural; o heterogêneo e o homogêneo e a tensão entre globalistas e localistas, pois eles nos situam no campo das contradições, associando-se também aos processos de fragmentação e de reconstrução de identidades.¹

A reflexão sobre a cultura e a identidade brasileiras percorre a produção antropológica e literária de Darcy Ribeiro, sem contar sua práxis política e suas atividades como educador. O autor escreveu sobre a civilização, os índios, a América Latina e o Brasil. Com *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil* conclui a série intitulada *Estudos de Antropologia da Civilização*. Nesse livro, com base nas matrizes étnicas, mostrou como se constituiu o povo brasileiro. No que tange à questão da identidade, em vários de seus textos, evidenciou que surgimos da negação, “da desindianização indígena, da desafricanização dos africanos e da deseuropeização dos europeus”.

Tendo em vista que a produção científica, ensaística e literária de uma cultura nos revela a idéia que temos de nós, considero importante enfocar a questão da identidade cultural, com base em alguns prefácios do escritor. Esses textos enfocam aspectos de nossa cultura seja através da Casa-Grande e da senzala; seja através da etnia indígena; seja por meio do “herói sem nenhum caráter” ou, ainda, através da reflexão sobre a América Latina. Nos prefácios, na medida em que Darcy Ribeiro comenta obras e autores, ao falar dos outros, traz sua voz para a cena do texto.

¹ RIBEIRO, Gustavo Lins. Bichos-de-obra. Fragmentação e reconstrução de identidades. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro, n. 18, fev. 1992.

Desvelando a linguagem alheia, revela seu pensamento e suas convicções. Na escuta do outro, passa a ser escutado.

O prefácio, escrito por Darcy Ribeiro, para a edição de *Casa-Grande & senzala*, da Biblioteca Ayacucho, foi republicado em *Ensaio Insólitos*,² junto com outros ensaios/painéis sobre a cultura brasileira. Para desenvolver seu estudo, a respeito da obra do escritor pernambucano, Darcy Ribeiro aborda os seguintes itens: o escritor, o intérprete, o método, os protagonistas, o índio e o jesuíta, o brasileiro senhorial e a negraria. Uma Biocronologia complementa os itens ressaltados. Ora, essa multiplicidade de aspectos destacados mereceria por si só uma análise aprofundada. Assinalo, no entanto, apenas alguns pontos elucidativos da posição de Darcy Ribeiro diante do estudo de Gilberto Freyre.

Apesar de a escrita do prefácio ser em tom bem humorado, Darcy Ribeiro não poupa críticas à obra de Gilberto Freyre. Assim, afirma: “Gilberto Freyre, escreveu, de fato, a obra mais importante da cultura brasileira”.³ Em seguida a essa declaração, levanta, em sua análise, pontos críticos importantes não só para a compreensão de Gilberto Freyre como também para a elucidação dos seus próprios textos. Se, por um lado, elogia a escrita literária de Gilberto Freyre – que rompe com uma “retórica tola” –, por outro, ressalta como o literato suplanta o cientista. Na visão de Darcy Ribeiro, esse aspecto implica “um saber duvidoso, vendido como boa ciência”, culminando na advertência que faz ao leitor: “O principal é, talvez, a necessidade de que o leitor se acautele. São incontáveis as vezes em que o antropólogo se deixa engambelar pelo novelista, sendo preciso ler e reler atento tanto ao gozo literário como saberes duvidosos, vendidos como boa ciência”.⁴

Segundo Darcy Ribeiro, sob a perspectiva antropológica, Gilberto Freyre se insere na Antropologia colonialista que “em sua propensão a tudo esconder atrás de um relativismo cultural, essa antropologia se torna capaz de apreciar favoravelmente as culturas mais elementares e até de enlanguescer-se em saudosismos do bizarro e em amores estremecidos pelo folclórico”.⁵ Sob a perspectiva ficcional, *Casa-Grande & senzala* tornou o Brasil um “protagonista literário” que, podendo ser conhecido pela leitura, passa a existir através dela.

Outro ponto importante na discussão de Darcy Ribeiro diz respeito à obra e seu intérprete. No caso do intérprete, para traduzir o conflito cultural de Gilberto Freyre, dividido entre o olhar do europeu (o inglês) e o do pernambucano, vale-se da roupa como imagem metafórica, considerando que Gilberto Freyre portava

² RIBEIRO, Darcy. *Ensaio insólitos*. Porto Alegre: L&PM, 1979.

³ Idem, p.64.

⁴ Idem, p.69.

⁵ Idem, p.71.

“calças de flanela e paletó de tweed para ver o corso no carnaval do Recife”.⁶ Segundo ainda o prefaciador, foi “a miopia fidalga” de Gilberto Freyre que o impossibilitou a reconstituir a “antifamília matricêntrica de outrem e de hoje, que é a mãe pobre, preta ou branca, parideira, que gerou e criou o Brasil - massa”.⁷

Apesar das críticas de Darcy Ribeiro à obra de Gilberto Freyre, reconhece a singularidade de *Casa-Grande & senzala*, pois ela aponta caminhos para a crítica da cultura. Além disso, Gilberto Freyre não se submete à imposição e à pura aplicação de metodologias. Nesse sentido, diante da obra de autor pernambucano, indaga:

Quanto valem nossas perquirições teóricas tão sujeitas à moda, frente a uma composição que há de ficar para reconstituir vivente, nosso passado ou ao menos o passado das classes patronais e patriciais do Brasil?.⁸

Na comemoração dos cem anos de Gilberto Freyre, a *Folha de S. Paulo* dedicou um caderno ao autor. Vários desses textos salientam as contribuições de Gilberto Freyre para a cultura brasileira. Roberto Ventura, ao escrever sobre *Casa-Grande & senzala*, faz referência à opinião de Darcy Ribeiro sobre o livro.⁹

“Equilíbrio de antagonismos”, de Hermano Vianna, questiona a tão propalada imagem idílica trazida pela obra de Gilberto Freyre, ressaltando como é possível destacar, em *Casa-Grande & senzala*, imagens antagônicas do Brasil. Reportando-se ao texto de Ricardo Benzaquim de Araújo, evidencia que “a principal pista para a elucidação dessa dificuldade gira em torno do significado de uma curiosa expressão empregada fartamente por Gilberto Freyre: Equilíbrio de antagonismos.”¹⁰

Essas diferentes posições diante de *Casa-Grande & senzala* constituem, sem dúvida, contribuições importantes para as reflexões sobre o que se escreveu a respeito dessa obra, incluindo o prefácio de Darcy Ribeiro. Esses aspectos, no entanto, extrapolam, no momento, os limites desse texto.

Deslocando nosso olhar para o prefácio do livro de Betty J. Meggers, é possível atentar para a maneira como o antropólogo brasileiro nos apresenta a autora “Em sua sala de trabalho em Washington, uma mulher inquieta medita sobre o destino de nossos mundos amazônicos”. Essa imagem toma um sentido interessante no texto na medida em que, através de um jogo de distanciamento e de aproximação, o antropólogo brasileiro vai justapondo olhares: o da mulher que medita sobre o destino de nossos mundos amazônicos em oposição ao de uma hipotética conspiradora da CIA, arquitetando ações preventivas de contra-

⁶ Idem, p.73.

⁷ Idem, p.82.

⁸ Idem, p.82.

⁹ VENTURA, Roberto. A saga da cana-de-açúcar. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 mar. 2000. *Mais*.

¹⁰ VIANNA, Hermano. Equilíbrio de antagonismos. *Caderno Mais! Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 mar. 2000.

insurgência e o do cacique dos Duwamish que respondia – no mesmo lugar ocupado por Betty J. Meggers – a carta ao presidente dos Estados Unidos “que ‘propunha’ a compra de um território tribal para ali edificar a cidade de Washington”.

Esse jogo de olhares aponta para diferentes situações discursivas: a do cacique e a de Betty J. Meggers que detém o conhecimento teórico sobre os índios. Ainda, no contexto do prefácio, no presente da escrita de *Amazônia, a ilusão de um paraíso*, a História do passado americano evoca a destruição da Amazônia e dos índios no passado e no presente do Brasil.

Na apresentação do livro de Betty J. Meggers, o antropólogo brasileiro demonstra ter testemunhado a cultura analisada pela autora americana:

Testemunhei este ciclo de vida e morte nos dez anos de minha existência dedicados a estudar os povos indígenas da Amazônia.¹¹

O estudo de outra antropóloga serve de espelho para que Darcy Ribeiro também nele se reconheça.

É importante acentuar que Betty J. Meggers escreveu o prólogo da edição norte-americana de *O processo civilizatório*. Nesse texto, além de situar Darcy Ribeiro no contexto da Antropologia, evidencia como o escritor apresenta uma nova abordagem do processo civilizatório. Ressalta que o autor faz um estudo singular, diferente daqueles elaborados por europeus ou norte-americanos.

No que tange ainda à questão indígena, na apresentação do texto de Mércio Pereira Gomes,¹² o autor de *Maíra*, confronta os desafios enfrentados por sua geração de antropólogos com aqueles que se colocam para o antropólogo contemporâneo. Se, no passado, o antropólogo estava preocupado em explicar quem eram os índios e a razão de seu desaparecimento; no presente, essa nova geração de antropólogos “terá que se aliar aos índios para projetá-los no futuro e ajudá-los, por todos os meios, inclusive pelo pensamento, pela inteligência, a encontrar o seu lugar justo numa nação justa e digna.”¹³

Logo no início do prefácio, para a edição crítica de *Macunaíma*, Darcy Ribeiro diz a que veio:

¹¹ RIBEIRO, Darcy. Apresentação. In: MEGGERS, Betty J. *Amazônia. A ilusão de um paraíso*. Trad. Maria Yedda Linhares. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: USP, 1987.

¹² Idem, p.19.

¹³ RIBEIRO, Darcy. Prefácio. In: GOMEZ, Mércio Pereira. *Os índios e o Brasil. Ensaio sobre o holocausto e sobre uma nova possibilidade de convivência*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p.13.

Não será, é claro, nenhuma interpretação erudita, como as que esse livro enfeixa. Será, isto sim, a meditação de outro romancista, apaixonado que nem Mário pelo Brasil e revestido, como ele, de saberes do mato virgem.¹⁴

Nessa condição, constrói laboriosamente e saborosamente o prólogo do livro de Mário de Andrade.

Procurando entender as identidades de Mário, nele reconhece pelo menos três: “o *erudito* leitor, voraz e insaciável, o *exótico paulista*, viajador, que sai de casa para ver o Brasil de fora a fora. E, ainda, o *exilado paulistano*, tão enturmado, tão escrevedor de cartas, mas tão sozinho, se cozinhando no seu próprio caldo, meditando”.¹⁵ (Os grifos são meus)

Passando ao enfoque da obra, começa por explicar a figura do herói, a do “trickster” que se assemelha àquela encontrada por ele nas mitologias indígenas. Depois de mostrar como *Macunaíma* é o texto “mais jocoso e mais gozoso que se escreveu em nossa língua”,¹⁶ aborda-o à luz dos ensaios que o analisaram na edição crítica, evidenciando, no texto de Mário, imagens construídas no compasso com a antropofagia e com o endocanibalismo.

A metáfora da casa associada à construção poética de *Macunaíma* resulta em expressivas metonímias: “adobes de dizeres índios”; “telhas de arcaísmos caipira” e “cal de suas erudições”. Com cal, telha e adobe, Mário constrói sua teia textual e Darcy Ribeiro as desconstrói para colocá-las visíveis diante do leitor. Através dessas imagens, Darcy Ribeiro levanta outras paredes, construídas por sua experiência de etnólogo, dez anos, entre os índios. Constata que Mário buscou *Macunaíma* na indiada Guiana, cujas fontes foram os sábios alemães. No entanto, segundo Darcy, Mário tão bem mascarou essas fontes, através de “porandubas, de brasilidades arcaicas e de africanidades, que são nossas as matrizes que ali reluzem”.¹⁷

Com entusiasmo, Darcy Ribeiro reconhece Mário como o criador literário do Ocidente, sem sombras de “provincianismo brasilico ou paulistano”. Isso significa que falar de identidade é perceber a tensão entre o nacional e o universal, entre o local e o global.

Darcy Ribeiro não só prefacia esses textos já comentados como muitos outros aqui e no exterior. Dentre esses, quero salientar ainda a introdução ao livro de

¹⁴ RIBEIRO, Darcy. Liminar. In: LOPEZ, Telê Porto Ancona (Org.). ANDRADE, Mário. *Macunaíma*. O herói sem nenhum caráter. Paris/Brasília: Archives/CNPq, 1988. p.XVII.

¹⁵ Idem, p.XVIII.

¹⁶ Idem, p.XX.

¹⁷ Idem, p.XXI.

¹⁸ RIBEIRO, Darcy. Manoel Bomfim, antropólogo. In: BOMFIM, Manoel. *A América Latina: Males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

Manoel Bomfim. Nesse prólogo à reedição de 1993,¹⁸ ressaltam-se os seguintes aspectos: uma retomada crítica sobre o conceito de antropólogo; o destaque dado à originalidade de Manoel Bomfim no contexto de sua geração e naquela que o sucedeu e o questionamento de Darcy Ribeiro em relação à recepção crítica do autor sergipano. Todos esses aspectos vão revelando um Darcy combativo às formas de pensamento cristalizadas no espelho das elites brasileiras que construíram teorias predominantes no século XIX, baseadas nos estereótipos raciais.

É interessante a forma como se instaura o diálogo entre o prefácio e o texto de Manoel Bomfim. O conhecimento do livro do autor sergipano ocorre no exílio de Darcy, nas bibliotecas do Uruguai onde ele diz romper com [seu] “provincianismo brasileiro para perceber que somos parte de um todo: a América Latina.”¹⁹ Nesse caso, apesar de o autor estar longe espacialmente do Brasil, mais se aproxima do país pelo confronto que estabelece entre a maneira semelhante como os brasileiros e os outros povos latino-americanos foram colonizados.

Nesse quadro de constatação dos olhares existentes no Brasil sobre a cultura na época de Manoel Bomfim, citem-se os seguintes nomes: Silvio Romero, Joaquim Nabuco, Nina Rodrigues, José Veríssimo, Euclides da Cunha e Oliveira Viana. De maneira contundente, Darcy Ribeiro mostra como Manoel Bomfim foi capaz de perceber “o caráter reacionário e anticientífico do `darwinismo social` que faz confundir `alternativas históricas do povo` com a suposta `inferioridade definitiva das raças`”.²⁰

Para finalizar as colocações de Darcy sobre Manoel Bomfim, transcrevo a seguinte passagem:

A culpa não é de Bomfim, é nossa. Não porque ele fosse adiantado demais, mas sim porque nossos pensadores são servis demais. Entre nós, a cultura não constrói como em toda parte, pelas superposição de tijolos nas paredes de um edifício que se levanta coletivamente. Aqui, cada pedreiro está olhando para a casa alheia e só deseja construir com seu grão de areia exemplificativo ou seu tijolinho de lisonjas ao pensador estrangeiro que mais o embasbaca. As gerações, assim, não se concatenam. Cada qual se atrela, se ancila, aos moinhos de idéias lá de fora.²¹

Essas palavras de Darcy recolocam-nos diante de questões que soam como já ultrapassadas teoricamente: “casa alheia” e “idéias lá de fora”. No entanto, merecem ser rediscutidas e retomadas no contexto da globalização. Os prefácios de Darcy

¹⁹ Idem, p.10.

²⁰ Idem, p.17.

²¹ Idem, p.18.

Ribeiro levam-nos a perceber que tanto textos antropológicos como literários podem construir a cultura e porque não dizer a identidade. Cabe-nos distinguir esses olhares situados²² no tempo e no espaço, traduzidos em linguagens múltiplas.

Na constelação antropológica, Darcy Ribeiro discute as contradições levantadas pelo texto de Gilberto Freyre em relação à Casa-Grande e à senzala. No entanto, não deixa de admirar, no escritor pernambucano, a ruptura com uma escrita retórica e tola, a quebra de fronteiras entre o texto literário, histórico e antropológico, no enfoque da cultura. A partir do prefácio ao texto de Betty Meggers, sobretudo com base nas imagens que focalizam os vários olhares, evidencia-se que falar de cultura e de identidades depende do ângulo que se olha e de onde se situa. O comentário introdutório ao livro de Mércio Gomes permite compreender a questão indígena hoje. Nos vários prefácios, incluindo o de Manoel Bomfim, Darcy Ribeiro demanda uma postura crítica do intelectual diante da cultura.

Ao prefaciá-lo *Macunaíma*, Darcy Ribeiro realiza o ritual de passagem da leitura - da fronteira do texto para seu interior. Esse ritual é tão antropofágico quanto o livro a que se reporta. Ao ser mimetizado por Darcy, toma novas roupagens e representações, servindo como ritual para a análise da própria escrita literária do autor.

Os prefácios, apresentados aqui, são fragmentos e “espelhos para nos ver”. No conjunto da obra de Darcy, propiciam mostrar a questão da identidade que percorre a produção literária e antropológica do escritor. Vendo o trajeto do romancista, percebo que a travessia (a viagem) representa a metáfora que faz emergir a busca dos personagens em relação à identidade social (*Migo e O Mulo*) e em relação à identidade cultural e étnica (*Maíra e Utopia Selvagem*), por diferentes espaços. Em *Migo* se faz no espaço urbano, através de Ageu, alter ego de Darcy; em *O Mulo* pelo percurso de Philogônio de Castro Maia, atravessando os sertões de Minas e de Goiás; em *Utopia Selvagem* pela trajetória de Pitum entre as amazonas e a tribo dos galibis e, em *Maíra*, através de Isaías que retorna à tribo mairum.

Os escritos de Darcy Ribeiro permitem uma abordagem, de maneira constelar, tanto da tradição antropológica do escritor quanto da tradição literária a que se filia. Sabendo que a questão da identidade na obra do escritor é muito mais ampla, ressalto que o vôo pelos prefácios demanda outros caminhos pelos textos do autor. Nesse sentido, meu percurso apenas sinalizou para outras veredas.

²² Lia Zanotta Machado, ao tratar do campo intelectual e feminino: alteridade e subjetividade nos estudos de gênero, faz menção ao estudo de Jacques Rancière. Comentando o enfoque desse autor, a antropóloga brasileira diz: Ou bem estamos inscritos cegamente no mundo das representações e somos por ela capturados ou o sujeito é sempre situado e sempre se situa, de tal modo que não somos sujeitos desencarnados, mas que estamos sempre obrigados a olhar e nos situar”. O contexto, que a antropóloga analisa, diz respeito à questão do gênero na Antropologia. Ficou, no entanto, a sugestão para meu estudo. RANCIÈRE, Jacques. Sur l'histoire des femmes au XIX^e siècle. In: DUBY et PERROT (ed.) *Femmes et Histoire*. Paris: Plon, 1992. Apud. MACHADO, Lia Zanotta. Campo intelectual e feminismo: alteridade e subjetividade nos estudos de gênero. *Série Antropológica*. Departamento de Antropologia, Brasília, 1994.